

Book Review

Igrejas, António M. A. *Empenho e arte: Os grão-capitães—uma sequência de contos de Jorge de Sena*. Colibri, 2018.

A mais recente publicação de António Igrejas concentra-se na avaliação genológica desta célebre coletânea de Jorge de Sena como uma sequência de contos, ou seja, como um género literário em que os contos se sobrepõem, se complementam e dialogam entre si para formarem uma obra integral e coesa. Desta perspectiva, cada conto é, ao mesmo tempo, uma unidade distinta e autónoma, bem como um retalho de um todo que, de maneiras diversas, refletem um tópico predominante: a existência asfixiante, degradante e absurda em Portugal durante o Estado Novo. A partir desta proposta, “cada conto é [...] um novo palco onde apresenta um novo ato sobre a experiência de vida sob o Estado Novo” (44).

Empenho e arte desdobra-se através de uma organização tripartida, começando por uma explanação teórica que estabelece metodicamente as delimitações do género literário específico em que *Os grão-capitães* se insere, bem como um estudo pertinente e minucioso sobre as características do conto como um todo. Contudo, a secção mais instigante desta primeira parte do livro debruça-se sobre o conceito de receção literária e, mais concretamente, sobre a cumplicidade necessária entre o leitor e o autor para que uma coletânea de contos seja percebida e recebida como uma obra integral, isto é, como uma sequência de contos. Esta abordagem suscita a ideia da existência de um leitor protótipo, algo que, hoje em dia, poderia causar alguma consternação em alguns leitores. Contudo, Igrejas consegue desmitificar este potencial ponto de contestação, respeitando a autonomia do leitor ao mesmo tempo que define sobriamente as características inerentes ao recetor. Neste contexto, o leitor-modelo terá a capacidade e a habilidade de percecionar a unidade orgânica dos elementos que interligam cada conto e que, portanto, tecem a rede de coesão que os transformam em um romance compósito.

Estabelecido o enquadramento teórico, o ensaísta dedica as restantes duas partes à comprovação textual de que *Os Grão-Capitães* pode e deve ser lido como uma sequência de contos. A segunda das três partes analisa detalhadamente os vários elementos paratextuais da obra de Sena, incluindo as sugestões imbuídas no próprio título, as notas e os prefácios de cada edição, bem como as datas que acompanham as epígrafes de cada conto. A revisão das datas e das epígrafes merece, compreensivelmente, maior atenção por parte do ensaísta pois estas concedem a cada texto um posicionamento histórico e uma contextualização temática. Assim, mesmo antes de entrar em cada conto estrito-senso, ao leitor-modelo desta sequência de contos é lhe conferida uma série de referências intertextuais que começam por consolidar a interligação entres os mesmos. As datas, em concreto, estabelecem uma ordem e progressão cronológica pertinente que abrange do período de 1928 a 1961, anos de óbvia relevância no enquadramento do Estado Novo.

Nesta secção do estudo, merecem ainda destaque as considerações do autor sobre o título, nomeadamente, o prenúncio já na capa do livro da recorrência de um certo tipo de personagem: o capitão. Deste ponto de vista, este é um dos grandes marcos da leitura desta obra como romance compósito, visto que cada conto é, de alguma forma, protagonizado por esta figura. Consequentemente, uma leitura completa desta obra confirma “a presença de uma sequência de personagens despóticas [...]. A figura do grão-capitão é, assim, individualizada e atualizada em cada conto” (74).

A terceira parte de *Empenho e arte* foca-se na interpretação do texto e, mais concretamente, nos padrões imagéticos que geram os ecos temáticos entre os diversos contos. Nesta apreciação de um leque extenso de transmissões sensoriais presentes no texto, Igrejas identifica dois padrões que merecem a sua atenção: o confinamento e a desolação. A análise destes conceitos leva o leitor ao encontro de repetidos cenários de cariz carcerário, do quais se realçam as referências a vários quartéis militares, bem como as descrições das cidades por onde os protagonistas deambulam. Associados ao confinamento e à desolação estão, também, a solidão e a alienação, tanto física como psíquico-emocional, os quais o ensaísta considera como sendo “uma metáfora da miséria do tempo nocivo que coletânea ensaia” (144). Por último, merece ser mencionado que esta análise de padrões imagéticos e dos efeitos que estes nutrem nos personagens centrais, criam uma coesão que para além de consubstanciar a tese do estudo, geram a

possibilidade de ler todos os protagonistas como um só, “em que a personagem do primeiro conto se movimenta por vários recantos”, ou seja, por vários cenários emblemáticos das vivências individuais e coletivas durante o Estado Novo (174-75).

A conjugação de todos estes elementos em análise ao longo do estudo substancia a sua tese original de que mais que uma coletânea de contos dispersos, *Os grão-capitães* deve ser lido como uma sequência de contos, cuja integralidade e coesão projetam uma reflexão de e sobre a experiência da vida durante o Estado Novo. Uma das virtudes principais desta constatação será que este novo enquadramento suscitará uma renovada vontade de redescobrir uma obra clássica da literatura portuguesa. Por fim, outro feito de relevo nesta obra é que a metodologia sóbria e minuciosa adotada pelo autor proporciona ao leitor não só esta oportunidade de descoberta, mas também de se aproveitar um enquadramento teórico preciso e didático sobre os géneros literários sob consideração.

Bruno Nogueira Sales
University of Georgia